

RESENHA

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO¹

Edna Maria Goulart Joazeiro²

O livro discute o encontro entre experiência e conhecimento que se dá através da realização das atividades de estágio no cotidiano de trabalho e formação *do e no* estágio supervisionado em Serviço Social. São analisadas a situação de trabalho, a relação estabelecida entre as estudantes e as atividades por elas realizadas, bem como a formação que advém dessa relação com o meio – hospital universitário público – saturado de normas, saberes, tecnologia, relações de poder e de constante contato com o “objeto” vida/morte.

As estagiárias são bolsistas do Fundo de Apoio ao Ensino e Pesquisa (FAEP) e desenvolveram seu estágio acadêmico no Serviço Social no Núcleo das Enfermarias do Hospital das Clínicas da UNICAMP, no período de 1995 a 2000. As atividades de trabalho são apresentadas como momentos de encontro das estudantes com as situações de trabalho, que lhes demandam a realização tanto da formação quanto da assistência ao doente e a seus familiares. Nessa última, está presente também o desafio de fazer um trabalho sinérgico com outras equipes, em face dos diversos saberes presentes nesse meio.

No decorrer de três capítulos, além da análise do cotidiano de trabalho, também foi apreendido e analisado o encontro entre os saberes nascidos da experiência, em sua relação com os saberes disciplinares do âmbito da profissão e os saberes diversos presente nesse *locus* de formação e de cuidado. Ressaltou-se que esse espaço de trabalho e formação está marcado pela lógica da temporalidade mercantil – na qual se baseia o custeio da saúde – lógica essa que se dá em tensão com os valores do bem comum, os da vida e do cuidado.

¹ JOAZEIRO, Edna Maria Goulart. **Estágio Supervisionado: Experiência e conhecimento**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2002. 171 p.

² Doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, responsável pelo Serviço Social e pela supervisão de estágio acadêmico no Núcleo das Enfermarias do Hospital de Clínicas da UNICAMP.

O “objeto” vida/morte teve uma presença marcante e continuada e foi considerado, no decorrer do estudo, um dos aspectos fundamentais configuradores do processo de formação das estudantes. A convivência com a deformidade, a dor e a morte foi sendo apresentada pelos sujeitos da pesquisa, as estagiárias, como constante desafio na atividade de trabalho de assistência e de produção do cuidado. Esse fato as sensibilizou e requereu uma busca contínua de superação das dificuldades e limites singulares e coletivos nesse *locus* de trabalho e formação.

Foi fundamental, no presente estudo, o uso de conceitos e categorias da abordagem ergológica, a partir de autores Schwartz, Rosa, Duraffourg e Canguilhem, os quais permitiram problematizar a visão do trabalho como execução. A abordagem ergológica entende que o trabalho não é execução, mas uso de si por outrem e, ao mesmo tempo, uso de si por si mesmo. Nesse sentido, há o retrabalho ou a renormalização das normas antecedentes, das prescrições do trabalho.

A utilização dos diários de campo das estudantes e de seus depoimentos gravados permitiu a aproximação dos momentos de realização da atividade pelas estudantes e tornou possível apreender a tensão presente nas escolhas que elas realizam nos seus itinerários de formação e de cuidado. A análise dos diários contribuiu para revelar a riqueza de convocação de usos de si por si mesmo e a constante necessidade de renormalização e de ressingularização dos conhecimentos e das normas que marcam o dia-a-dia das estudantes.

O silêncio “presente” nos diários de campo, tanto quanto a preocupação explicitada nos seus depoimentos demonstram as dificuldades em lidar com a tênue distância que separa a vida da morte nesse meio de trabalho. Ele revela a presença de um sujeito que se indaga e que se constrói frente aos desafios materializados no cotidiano, que torna a atividade de estágio um espaço singular para a construção de sinergia no cuidado do ofício de assistente social.

Dessa forma, foi possível colocar em discussão a questão que hoje é tão disseminada nos meios acadêmicos, a de que a prática e a teoria dão-se de modo separado. Questiona-se e problematiza-se essa questão ao se considerarem as infidelidades do meio presente no encontro entre a atividade real de trabalho e as normas prescritas da profissão, que convocam a estudante-estagiária a uma constante ressingularização e renormalização dos conhecimentos, sejam ou não disciplinares. Essa atividade de renormalização demonstra, pois, a não-separação entre prática e teoria no

estágio, visto que ele não se constitui lugar de treinamento, mas espaço de experiência e de formação.